



“Os Lusíadas”

Grandes Livros, RTP e Companhia de Ideias



05 min 46 s

Katia Guerreiro [fadista] “Luís Vaz de Camões, quando partiu, partiu... para escrever tudo aquilo que absorveu dessa enorme viagem de descobertas. Toda a descrição n’ *Os Lusíadas* é... é muito representativa daquilo que ele viu com os seus próprios olhos, sentiu na sua própria pele.”

- 5 “*Já no largo oceano navegavam / As inquietas ondas apartando / Os ventos brandamente respiravam / Das naus, as velas côncavas inchando.*” A ação d’ *Os Lusíadas* inicia-se com a armada de Vasco da Gama já perto do seu objetivo. Mas não tem forma de o saber. O mapa para a Índia é apenas uma folha em branco. É nesse momento que Júpiter reúne os deuses no Olimpo. Devem decidir o que fazer em relação aos destemidos marinheiros que vêm “*cometendo o duvidoso mar num lenho leve*”.
- 10 Vénus, deusa do amor, é a grande aliada dos portugueses. São um povo de sangue quente e paixões intensas. Será celebrada onde quer que cheguem. Baco é o principal antagonista e tudo fará para impedir que as naus cheguem à Índia.

José Carlos Seabra Pereira [coordenador do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos – CIEC]

- 15 “Quanto à mitologia, ela vem, por um lado, dar um plano de alegoria do sentido e garantir-lhe, digamos assim, outra elevação e outra perenidade. Por outro lado, era uma forma de Camões estruturar doutra forma a composição, a composição da narrativa.”

- São os deuses pagãos que comandam toda a ação d’ *Os Lusíadas*. No entanto, é ao Deus cristão que Vasco da Gama implora proteção. “*Divina guarda, angélica, celeste, / Que os céus, o mar e terra senhoreias / [...] / Porque somos de ti desamparados, / Se este nosso trabalho não te ofende, / Mas antes teu serviço só pretende?*” O convívio natural entre o maravilhoso pagão e o maravilhoso cristão é um dos truques narrativos mais eficazes da obra. Baco dirige os portugueses para sucessivas armadilhas na ilha de Moçambique e, depois, em Mombaça. É Vénus que protege Vasco da Gama e conduz as naus até Melinde. Aqui encontram um porto de abrigo, onde podem descansar. O acolhimento do rei de Melinde é bem-vindo. A viagem “*por mares nunca dantes navegados*” dura há demasiado tempo. Decorreram largos meses desde a partida de Lisboa, a 8 de julho de 1497. Sabe-se que Gama irá atingir a Índia quase um ano depois, a 9 de maio de 1498. Entretanto, Camões aproveita esta pausa para iniciar uma outra viagem, uma viagem no tempo. O rei de Melinde pede a Vasco da Gama que lhe conte a História de Portugal e a sua aventura marítima.
- 25

- 30 **Zhang Weimin [tradutor d’ *Os Lusíadas* para chinês]** “Eu acho que Camões... é um génio. O que eu queria perguntar é como é que ele podia ter na cabeça tantos conhecimentos. Para nós, hoje mesmo, com a obra na mão, mesmo com a biblioteca ao lado, mesmo com Internet à nossa frente, nós precisamos de fazer muita pesquisa e é impossível memorizar tantos conhecimentos.”

- 35 **Helder Macedo [especialista em estudos sobre Camões]** “Ele tendo estado tanto tempo fora, sem bibliotecas, sem acesso a coisas, as referências que ele faz são tão exatas, tão precisas e são tantas e tão complexas que ele tinha de ter aquilo na memória, com certeza.”



40 A memória de Camões é vasta e o seu conhecimento prodigioso. História de Portugal e História Universal, Geografia, Ciências Naturais, Ética, Filosofia, Mitologia. Autores clássicos, como Virgílio, Homero, Horácio, Plutarco; modernos como Petrarca, Sannazzaro, Ariosto, Boscán. Uma erudição que situa Camões no devido lugar da História. É um homem que sintetiza plenamente o ideal renascentista. Homem de cultura, homem de ação e supremo artesão das palavras. *“Nem me falta na vida honesto estudo / com longa experiencia misturado, / Nem engenho, que aqui vereis presente, / Cousas que juntas se acham raramente.”*

45 **Helder Macedo** “É o herói que reconcilia os feitos das armas e a escrita. Há um longo debate no meio do poema, enfim, um tópico clássico, as armas e as letras. O que é que é melhor, fazer as coisas ou escrever sobre elas?”

50 **José Carlos Seabra Pereira** “Mas n’ *Os Lusíadas* está também a experiência, de um poeta que foi ao mesmo tempo um homem que andou embarcado, que combateu, em vários pontos do Império, e, sobretudo, que se apresentou sempre como alguém que, pessoalmente, estava pronto a realizar aquilo que ele nos próprios *Lusíadas* apresenta como o ideal heroico de vida.”

Helder Macedo “Ele estava a valorizar a escrita como aquilo que faz a História. A História é feita de palavras e não de feitos. Os feitos morrem. O que perpetua os feitos é a escrita.”

